

Pt
D.
Ru
P



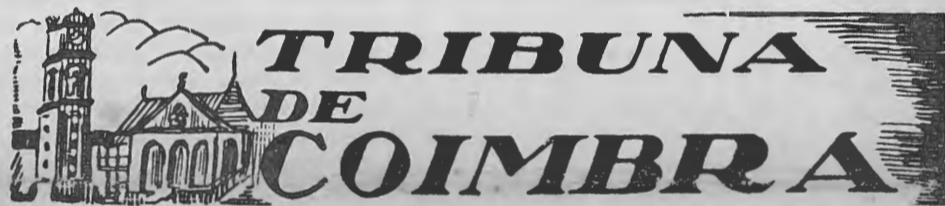
Gaiato

10 DE JUNHO DE 1972
ANO XXIX — N.º 737 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Lar do Gaiato de Coimbra — fruto de dois anos de união e de renúncia.



Por
Padre Horácio

Aqui Lisboa

Até ao momento em que escrevemos, já nos chegaram cinquenta e seis pedidos de admissão de Rapazes, desde o princípio do ano. Custa-nos muito dizer não a quem nos procura, sobretudo perante o dramatismo de certos casos. Não podemos, porém, seguir outro caminho, mesmo que corramos o risco de considerarem o nosso procedimento impróprio de um simples cristão, como já sucedeu. Reptimos a ideia, já aqui várias vezes expressa: uma Casa do Gaiato não é um armazém onde se colocam uns determinados «meninos». Pretende ser uma casa de família para os sem família e não apenas um depósito de gente. Os 110 Rapazes que cá temos já são demais para um homem só!

xxx

É obrigação expor as nossas múltiplas necessidades, não só pelos valores em causa mas também pela oportunidade que assim se nos oferece de os outros as conhecerem e poderem contribuir com uma certa quota parte para a sua satisfação, numa Obra que deve ser de todos. Nós damos a vida na primeira linha de combate, onde os espinhos abundam e quase se, perde a noção do tempo. A rectaguarda compete assegurar as condições indispensáveis para o bom êxito da tarefa colectiva que tem a sua raiz no próprio Mestre: «Deixai vir a mim as criancinhas...» e «tudo o que fizerdes ao mais pequenino é a Mim que o fazeis». E, como disse há pouco Paulo VI, «o amor a Deus surge do amor ao próximo. A procura do Reino de Deus nunca nos deve fazer esquecer as necessidades dos nossos irmãos.»

Ainda ontem rejeitámos mais uma herança. Tratava-se duma quinta, ao que parece avaliada à volta de 2 ou 3 mil contos. Hoje

CONTINUA NA QUARTA PAGINA

Terminada a nossa grande romaria de Festas por terras da Beira, retomámos o curso normal da vida. Cada mocho em seu soito. A vida não tinha parado, mas caminhava um tanto desajustada.

As Festas, ainda que tragam certos desajustamentos e nos obriguem a bastante desgaste físico, proporcionam muitas descobertas pessoais. Os Rapazes descobrem seus valores. Consciencializam-se da necessidade da sua própria formação e promoção.

Fizemos uma reunião com todos os que já têm a escola primária e que, a seu tempo, não se decidiram a continuar a estudar. Nos serões de inverno temos algum tempo de aproveitamento intelectual, mas o resultado é muito pequenino. Nesta reunião propusemos a criação de um posto de Telescola para voluntários. Alguns já se inquietavam com esta ideia. Houve diálogo de interesse. Sentimos o fogo a crepitar dentro de cada um. Ficou combinado que cada pretendente tomasse compromisso por escrito.

E as cartas têm chovido. E que lindas que elas são! E como alguma revelam sentimentos tão altos! Eis algumas passagens:

«Eu já tinha destinado nos meus planos pedir ao sr. padre que me deixasse, como prémio da venda, ir estudar para a escola da noite. Eu sinto que tenho vontade para frequentar a Telescola e assim fico remediado».

Outro: — «Com um pouco de boa vontade que me resta quero tentar fazer a Telescola e depois, mais tarde, se for possível, tiraria o quinto ano do Liceu».

Outro ainda: — «Desejo ir estudar para a Telescola. En-

Cont. na QUARTA página

LOURENÇO MARQUES

POR
Pe. José Maria

De onde escrevo estas linhas vejo o ritmo do progresso sobre rodas. Grandes máquinas passam, com a necessária cautela para o trânsito desprevenido e às vezes desenfreado; carros sempre a rolar; algumas pessoas paradas ao longe e por todo o lado. É um ambiente tipicamente africano. Algumas árvores de copa verde escura; outras, já despidas pelo frio de inverno, a proteger as palhotas que se acolheram à sua visinhança pacífica e protectora.

O dinamismo e a inércia tão contrastantes dão-me uma panorâmica do ambiente humano em que vivemos actualmente.

O progresso meteu o prego a fundo, sem olhar a caminhos perigosos e inadequados à velocidade que leva. Parece-me

ver que não se pretende nada mais desde que signifique progressão económica mesmo que não simultaneamente progressão humana.

O planeamento duma cidade começa pelos esgotos devidamente canalizados e acautelados para não investirem contra a saúde pública. Depois pelo traçado das ruas, lançamento de linhas de água e luz e só depois a implantação das casas, indústrias e serviços e tudo o mais que articula os quadros actuais do viver humano. Não sei o que outros possam pensar do que eu penso, mas creio que estamos a levantar o progresso sobre um pântano. Precisamos antes de mais de tornar saudáveis a mentalidade e a vida do nosso semelhante. E cada vez a consciência individual aparece mais brutalizada. Agimos

por instinto e necessidades primárias e não por princípios normativos defendidos, que atendam à justiça e bem estar sociais. Fugimos à consideração das implicações da vida e conduta pessoal na vida dos outros semelhantes. Quando se fala de semelhantes, não alinhio por uma restrição mental subconsciente que se tornou patológica.

As civilizações petrificadas passaram à história e, se hoje dão alguma luz para a actual, é porque estão a ser desenterradas do arquivo de cataclismos naturais ou humanos que as sepultaram. Quero dizer que não podemos negar os processos evolutivos naturais e drasticamente implantar os do século vinte. A natureza não faz saltos como diz o filósofo e

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

FUTEBOL — O nosso onze tem mostrado ser uma grande equipa. Felizmente os resultados assim o dizem.

Carlitos tem experimentado novos elementos, e por acaso tem dado resultado. Só são lamentáveis as zangas sem significado, que se poderiam evitar...

LAVOURA — Estamos em época de sementeiras. Começou já a sementeira do milho e legumes da horta. Esperamos, se Deus quiser, ter bastante milho para o nosso pão ou para o nosso gado.

VISITANTES — Neste mês a nossa Aldeia tem sido uma romaria de gente. E faço um apelo: sempre que quiserdes visitar-nos, as nossas portas encontram-se abertas. Nós «somos a Porta Aberta».

EXPEDIÇÃO DO LIVRO — Terminou a expedição do livro «ISTO É A CASA DO GAIATO», 2.º volume e 2.ª edição, de 10.000 exemplares. Este ano, felizmente, não foi preciso grande exército para expedição da obra. Os novos processos de embalagem e de endereçar facilitaram muitíssimo a tarefa.

TELESCOLA — Estamos perto dos exames. Pelos vistos a prova oral, há dias, mostrou que os «ciclistas» fizeram melhor prova que os do ano passado! Eles já se prepararam seriamente para a prova escrita no próximo mês de Julho.

ESCOLA PRIMÁRIA — Neste ramo escolar também estão à boca as provas de passagem e os exames da 4.ª classe.

ESTUDANTES DE 5.º ANO — Os do 5.º ano também se preparam autotidacticamente, estudando e reverendo matéria para os exames que serão brevemente.

Aqui deixo o meu voto de felicidades para todos os estudantes; e que os resultados dos seus exames sejam frutuozos para a sua vida futura.

OBRAS DE ILUMINAÇÃO — A nossa Aldeia tem, pela primeira vez, iluminação eléctrica; feliz ideia do nosso Padre Abraão. A nossa Casa tomou outro aspecto — mais airosa em noites sem luar.

Os candeeiros em ferro forjado estão colocados: um, à beira da casa 4; outro, na casa 3; um, no hospital; presentemente, estão a assentar outro frente à casa 1.

TRABALHOS DE GRUPOS — Já se arranjou maneira de estabilizar cada rapaz no seu lugar, com o aparecimento de trabalho por grupos com o seu respectivo chefe.

Aliás já se tinha pensado nisto há muito tempo, mas a Escola e a Telecola tornavam difícil a resolução deste problema. Agora os Rapazes es-

tão mais ou menos dispostos no seu grupo, no seu lugar, o que é muito bom, para haver mais ordem e sossego. Apesar dos casos fortuitos...

JARDINAGEM — Temos flores por toda a parte. Estamos na Primavera! O jardineiro/padeiro e alguns rapazes da lenha tratam dos jardins: regar, arrancar as ervas ruins, etc. O esforço deles estampa-se na maravilha dos jardins bem tratados, na beleza colorida das flores — o que dá um tom poético e gracioso à nossa Aldeia.

TIPOGRAFIA — Já tantas vezes se tem falado aqui nas suas obras!! Infelizmente ainda não fomos atendidos...

A nossa oficina precisa de uma profunda remodelação, desde o material tipográfico à disposição das secções ou, como diz o Júlio, à sua «planta industrial».

Precisamos que a Monotype Super comece a trabalhar para fornecer o material indispensável à composição. Em benefício da nossa aprendizagem e da própria qualidade dos trabalhos executados pelas nossas mãos. Somos a única oficina só com «prata da Casa».

AZURARA — Para aqui se deslocaram alguns dos nossos Rapazes e operários da construção civil, para reparação dos estragos causados pelos últimos temporais.

Esperamos que a obra não seja demorada, para não atrasar a preparação dos turnos que, oportunamente, irão beneficiar do sol e da água da bela praia de Azurara.

MISSA DE SUFRÁGIO — O Senhor chamou há dias o nosso Armando, da nossa Casa de Setúbal — vítima da guerra, em Angola.

O Sr. Padre Abraão celebrou Missa de sufrágio na Capela da nossa Aldeia, com a presença da Comunidade.

Que o Senhor tenha a sua alma em descanso eterno.

Henrique Ribeiro Fernandes

MIRANDA DO CORVO

FESTAS — Terminou, por fim, a romaria de Festas.

Com certeza que por onde passámos deixámos muitas saudades. Pois também trouxemos muitas e para o ano que vem lá estaremos se Deus quiser. Também os «Batatinhas» ficaram com muitas saudades, pois agora já não têm aquela fortuna de rebugados e bolos.

Em todas as terras fomos bem recebidos e trouxemos lembranças de tudo: carinho, dinheiro, roupas, bolos, rebugados e ainda outras coisas.

Coimbra nossa aliada há muitos anos, desta segunda vez não encheu, mas estava bem composta e entusiasmada.

AGRICULTURA — As nossas batatas estão uma beleza. Esperamos o tempo da sacha do miho. O nosso cebolo está bem crecido e teremos cebolas novas, se Deus quiser. Já andamos a comer das nossas favas. Tam-

bém semeámos melões, melancias e abóboras. Os nossos feijões estão na altura da sacha. As árvores de fruto estão carregadas mercê dum tratamento contra a peste.

FUTEBOL — O nosso onze, agora que acabaram as Festas, tem mais vagar para vos atender. Se alguma equipa de futebol estiver interessada em defrontar-nos, estamos às vossas ordens.

Carlos Gomes

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Têm sido dias cheios. Tão cheios, graças a Deus!

PRIMEIRO CASO — Um novo carteiro a quem demos a mão até ao novo emprego — e damos — precisa de meio de transporte: uma motorizada.

Ajudámos a estudar o caso. Várias formas para resolução do problema. Decidimos, entretanto, encaminhar o assunto pelo adequado departamento dos CTT. Já está para lá a papelada. A resposta não tarda, supomos. Que o funcionário não pode palmilhar 30 quilómetros diariamente.

E vamos ajudando a fornecer leite ao filho mais novo do casal.

SEGUNDO — Uma viúva, que tem à sua conta a educação de duas crianças «doptivas», lembrou — e muito bem — pedirmos esclarecimento à Previdência, se teria ou não direito a pensão de sobrevivência — e outros benefícios — apesar do marido ter falecido há cerca de 15 anos.

Escrevemos para a Caixa. Indicou-nos outra! Apesar das concentrações e racionalização de serviços, o público que se desenrasque... Ou será *jogo do galo*?

«Olhe que o meu homem descontou muito, durante uma data d'anos, e nunca pediu ou recebeu cheta!... — suspirou, várias vezes, a sr.ª Ana, cuja alimentação não vai muito além do caldo e batatas.

A gente não sabe, ao certo, se terá ou não direito — por ser benefício recente. Mas assistência médica e medicamentosa com certeza.

Ora como a *Previdência não dá esmolas* — é slogan publicitário — *presta justiça*, no caso da pensão lhe ser recusada, levanta-se, como é óbvio, uma omissão lamentável na medida em que «o meu homem descontou muito, durante uma data d'anos, e nunca pediu ou recebeu cheta»...

Mais: os senhores *actuários* deveriam ter considerado o caso particular dos Pobres que não descontaram maquinas para esse efeito. É um caso de justiça. «Ou comem todos...»

TERCEIRO — A aflição paterna dum casal de lavradores cujo filho adoptivo cumpre pena de internamento num Reformatório.

Andavam aflitos pelo futuro do moço; dúvidas que pairavam no espírito. Já foram desfeitas por resposta

delicada do responsável pelo departamento respectivo.

A face da sra. Sofia resplandeceu de luz!

QUARTO — Como a Caridade, a acção do vicentino não tem fronteiras.

Apareceu-nos uma jovem das escarpas durienses, que o grande Eça imortalizou na «Cidade e a Serras».

É a mais velha duma família numerosa. E não quer largar o torrão natal, desde que seja nomeada para lugar indispensável, num serviço oficial da própria terra que lhe serviu de berço.

Seguiu requerimento e carta com notações para o efeito.

São pontos fulcrais a considerar atentamente por quem governa: a urgência e necessidade pública da criação do lugar, a arrumação do problema económico da jovem, e a certeza de menos uma emigrante para a legião incomensurável de todos os dias, rumo à cidade ou ao estrangeiro.

Esperemos. Deus permita, porém, que a burocracia não emperre, não sufoque — não entre, também, no *jogo do galo*...

E mais e mais e mais, como diria o nosso Pai Américo.

x x x

O QUE RECEBEMOS — Abre aquela presença delicada, espiritual, materialmente volumosa de «Uma assinante do Seixal». Vamos ter perseverança frutuosa, se Deus quiser.

Mais 20\$00 do assinante 735, do Porto. E dez vezes mais de uma amiga de Coimbra, Rua Ferreira Borges, presença muito assídua. O costume da assinante 17022. Mais 20\$00 do Porto, Rua da Conceição. E outra vez Lisboa, agora com 50\$00, e esta legenda: «Que Deus nos ajude para podermos ajudar os nossos irmãos que sofrem». Deus não falta. Mais Lisboa, assinante 5768. E um vale do correio da Rua Gil Eanes, de Gaia. E 20\$00 duma funcionária dos CTTU, de Lourenço Marques. E o habitual da assinante 17740.

Finalmente, ouçamos uma vicentina do Entroncamento:

«Envio para a vossa Conferência uma destas notas. São os frutos das renúncias desta Quaresma que passou. Já vai um pouco tarde, mas ainda

vai muito a tempo, pois vale mais tarde que nunca.

Como vos vi aflitos neste último jornal, resolvi que era hoje mesmo. Desculpai o atraso.

Os donativos devem ser dirigidos à Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

JÚLIO MENDES

LOURENÇO MARQUES

FUTEBOL — A nossa equipa de futebol está a crescer. Começamos a efectuar jogos há cinco semanas. Todos os domingos temos defrontado adversários que não nos foram superiores em técnica, mas a fibra dos nossos rapazes também conta e os resultados têm agradado, visto que neste cinco jogos conseguimos 4 vitórias e 1 derrota. Derrota essa no campo do adversário, em que o árbitro fez «show», pois só faltou tirarem-nos do corpo o pouco equipamento que alguns dos nossos rapazes tinham, dado que nem todos estavam equipados, por não haver equipamentos! De botas nem queria falar, mas a necessidade é tanta, que sinto a obrigação de o dizer ao nosso povo de Lourenço Marques. Não temos botas! É esta a verdade. Até agora, depois de cada encontro, saímos do campo com os pés trilhados, porque uns jogam de sapatilhas e outros descalços.

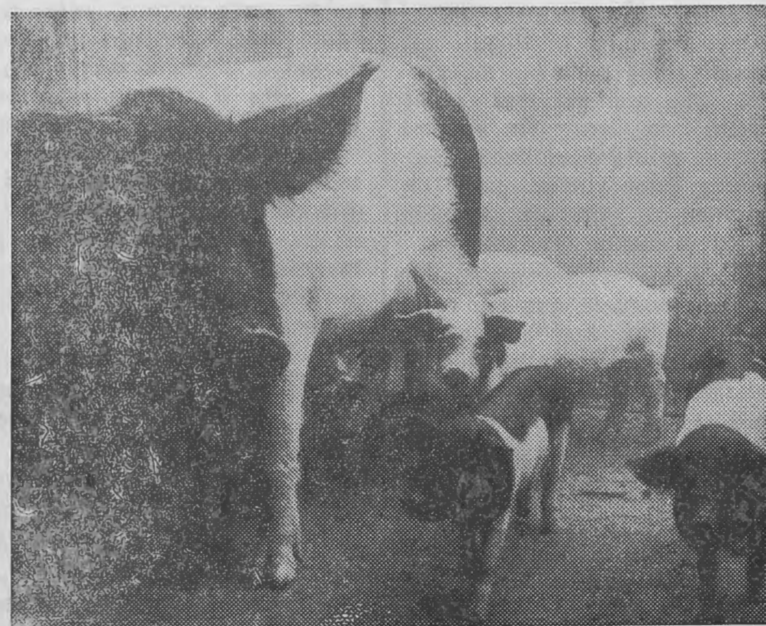
A vontade dos rapazes não falta. Duas vezes por semana, às quatro horas e meia, todos se levantam, para treinar até às seis horas. Depois do treino e do respectivo banho, tomamos o pequeno almoço. E principia então a nossa labuta do dia a dia.

Agradecemos ao bom povo Lourençomarquino algum equipamento, e botas principalmente.

Bastante contentes ficaríamos se o nosso pedido fosse satisfeito.

Com um obrigado me despeço em nome cá da malta da Casa do Gaiato de Lourenço Marques.

José Maria Raposo



Aqui temos uns ricos exemplares de pecuária — em nossa Casa de Malanje.

Setúbal

Por comunicação telegráfica de Sua Excelência o Ministro do Exército, soubemos, no próprio dia, do falecimento do nosso Barbosa, algures em Angola, no cumprimento de missão de soberania.



Armando Barbosa Marques era o seu nome. Nosso, muito nosso, há treze anos.

Estou a vê-lo quando a rua no-lo entregou! Sua mãe morrera tuberculosa. Seu pai desconheceu-o. Tinha uma cara branca, mácilenta e triste. Olhos encovados e vivos. Com dez anos já tinha o vício de fumar!

O Armando fez exame de admissão e andou na Escola Industrial de Setúbal. Tentou aprender o ofício de relojoeiro e não se ajeitou. Seguiu a construção civil onde se fez um esplêndido operário. Desde o primeiro ao último dia foi obreiro do nosso Lar! Quanto não valeu o seu esforço e a sua dedicação por esta Obra que é a sua Casa!... Por dois anos e meio de trabalho seu, no Lar de Setúbal, para os Rapazes sem família, dou muitas graças a Deus. Sei que serão seu prêmio de Glória na Eternidade! Ajudou a Casa de Coimbra também a construir o seu Lar na cidade! Como me soube bem a generosidade dele! A Casa de Coimbra deve esta, desde o início, muitas ajudas!... O Barbosa foi assim compensação!...

A tropa levou-o para Castelo Branco, depois para o Porto, a seguir Setúbal e finalmente para Angola!...

Deixou-nos saudades que só na Eternidade mitigaremos e uma incurável amargura.

As suas cartas escritas muito amiudadamente são espelho da delicadeza, carinho e filial amizade que nos dedicava. Quando me dei a esta missão de pai estava muito longe de supor a quantidade e qualidade de dores nela contidas.

Quando ao fim de semana, os seis tropa que ainda estão no continente, regressam à nossa Casa, para um reabastecimento de forças e um encontro de alegria, os pequeninos brincam com eles fazendo-lhes continência e trepando

por eles acima! — «Eh! pá! quando eu for prá tropa hei-de ter uma roupa melhor que a tua!»...

Ontem o Luís Filipe de seis anos, uma cabeça irrequieta de uma beleza indescritível, brincava com a boina militar do Fernando pondo-a na sua cabeça e marchando, despreocupado e feliz. Ao vê-lo senti um fortíssimo agulhão a despedaçar-me...

Sinto hoje uma vontade indomável de trabalhar pela justiça e de dar a minha vida por todos os que sofrem situações injustas quer elas na çam da sua posição social quer venham da raça ou da cor.

Quero pedir a paz e ajoelhar-me diante de Deus e dos homens, para que sejam homens». Só na Justiça e no amor pode haver paz: — Verdade de Jesus!...

x x x

Meu Querido Barbosa.
Respondo hoje ao teu último

aero de nove de Maio. Perdoa-me. Não foi por falta de amizade para contigo nem por incompreensão dos teus pedidos! Tem sido a vida excepcionalmente pesada que não deixou.

O dinheiro que me pedes para comprares as lembranças do teu regresso e passares uns dias de férias fica para pagar o local do depósito dos teus restos mortais.

Quanto aos teus três colegas mortos na operação infeliz de que me falas reza por eles a Deus nosso Pai. Pai de Perdão e de Misericórdia. Unir-me-ei a ti e a todos os que têm fé, numa oferta a Deus destas vítimas...

Falas-me do mês de Maio, como «mês inesquecível de Nossa Senhora; o melhor mês que existe no ano». É sim. Foi neste mês que partiste para o Céu.

Nunca mais te escreverei porque estarás comigo permanentemente. Dá muitas saudades nossas ao Faustino, ao Ilídio, ao Carlitos e diz-lhes do meu grande amor! Receberemos o teu corpo com toda a ternura!...

Aguarda-me até um dia em que te abraçarei
Teu

Padre Aclio

POBRES

Um pecado dos mentores das sociedades ditas desenvolvidas, de consumo ou em vias de desenvolvimento, é o uso de rótulos ou etiquetas para camuflar clima, ou climas, de pobreza. Delicadeza que «traz água no bico» — diria o meu amigo Ti Antoninho, que mede ou raciocina os factos com simplicidade, mais pelo concreto do que pelo abstracto.

Este prólogo (oh céus!) vem a propósito do horror em se proferir, hoje, a palavra Pobre — em certas camadas e determinados meios! Com letra maiúscula, evidentemente.

Não falemos já doutros campos em que ainda domina o diminutivo gorduroso e sentimental, ou a minúscula tão vulgar.

Ora o tino e senso cristão de Pai Américo impôs-me — há mais de vinte anos — que na revisão de prova do «Famoso» corrigisse sempre o vocábulo a colaboradores que descambassem para o diminutivo ou para a minúscula. Tem razão! É do Evangelho.

A corrente mudança do duro vocábulo, para outros

mais adocicados e actuais, é tão prolixa e difícil para a maioria (lembro a Semiquinha...)! Este o interesse ou motivo da aberração? Ofensa redobrada, que fere ainda mais as condições precárias dos verdadeiramente Pobres. E não somos todos?...

Entendemos a camuflagem como subtil atestado de auto-suficiência económica dos mentores da filosofia neo-capitalista.

E aqui está o resultado, repetimos: Quando hoje se aborda, em assembleias responsáveis, um caso de miséria de todos os dias, de todos os lados — do meio rural ou do apartamento mais luxuoso das cidades de cimento — aí vem pronto o economicamente débil e outros nomes caprichosos! E até se levantam barrigas cheias — a nova burguesia — a invectorar que já não há Pobres!! Que cegueira! Terrível mentalidade de que tudo corre num mar de rosas, tão coloridas e aromáticas como a subtil adjectivação distribuída por pastilhas elásticas... Oh tempos!

Júlio Mendes

EM FOCO

A reedição do 2.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato»

«Nunca se viu tal! Já vai muito para além de mil, o número de pessoas que estão dando o seu nome!!! É a bicha. E se fosse somente dar o nome, seria acordo comercial, dá cá e toma lá. Mas não. São almas a falar. Se nós pudéssemos dar à estampa as cartas que vão chegando, teríamos uma edição mais rica do que esta que vai sair (a do «Isto é a Casa do Gaiato»); muito se havia de chorar.

Afinal de contas nós andamos todos errados. O nosso eixo não é o que se pensa, nem o que se diz, nem o que se faz; o mundo não nos merece. Nós somos de Deus.

Estamos todos condenados a amar. Amar a Deus. Próque veja-se esta loucura do livro...

Um livro feito de tiras e de retalhos! Um livro escrito em português do interior do Bié!! Nem parece que nós somos os ensanguentados das guerras quando, na verdade, o que nós verdadeiramente ansiamos é o Sangue do Cordeiro de Deus! Cada carta que vem a pedir o livro traz esta afirmação: famintos do Cordeiro de Deus.»

PAI AMÉRICO

Faisca, perdura e perdurará — esta nota antológica de Pai Américo.

Ontem, como hoje, e sempre! Quando a alma se despe — ou procura despir-se — da poeira que tolhe, brilha e resplandece, é fermento na massa.

O nosso correio diário traz Fogo bendito. «São almas a falar». Tantas, tantas, tantas! E de que maneira, intenções, preces, e hossanas viris. Virilidade cristã!

Restringimos hoje a precisão — por mor do espaço — ao oportuno e succulento depoimento de H. C., que transcrevemos, com a devida vénia, da «Voz Portucalense». Aqui está:

● «OS LUSÍADAS» DO REINO DOS POBRES»

«Tenho para mim que os verdadeiros santos são todos artistas. Os verdadeiros. Não os «milagreiros». Os que apresentam no íntimo das coisas e dos acontecimentos a energia do divino que é a substância mais íntima de tudo. O que em tudo vêem Graça porque tudo é Deus. Tudo. E o que não é Graça é nada porque não é Deus.

Mas comecei a falar dos santos porque tenho andado a ler um livro maravilhoso. Maravilhoso de poesia, de graça, de

tudo quanto pode haver de humano e divino, de tudo quanto pode haver de simples, de puro, de sábio.

Cito um trecho da página 172:

«Se tinha pais ou parentes no mundo saibam que morreu o Martinho Baganha no dia 22 de Abril, pelas 10 horas, de desastre de trabalho; e rezem por sua alma, como nós aqui fazemos. Tão perturbado fiquei, que nem sequer o ungi, mas fê-lo o capelão do hospital. Foi velado toda a noite e, ao ser dia, teve Missa de corpo presente.

«O «Moléstia» e o «Zé da Lenha», cada um por sua vez e sem saberem um do outro, ofereceram à rouparia, para o morto levar nos pés, uns sapatos novos, por estrear, que alguém lhes havia dado. Oh grandezas escondidas nas tábuas dos caixões; grandezas que a terra não come! Eu acredito na Eternidade. Eu quero viver, viver, viver.»

Podem trazer-me todos os livros de apologética, todos os tratados sobre a eternidade, todos os depoimentos sobre os abismos da maldade humana... Podem trazer-me o literato mais acabado em rigor de descrição, em força de imagens, em beleza de estilo.

Nada me diz tanto, nada me convence tanto, nada me toca tanto, como a força que está

na simplicidade e na humanidade deste quadro. Isto é uma página de literatura! Isto é um trecho do Evangelho! Isto é o génio divino aceso em carne de homem! Isto é o Reino de Deus em postal ilustrado! «Isto é a Casa do Gaiato» numa página ao acaso, «os lusíadas» do reino dos Pobres.

Oh! grandezas que nem a terra nem nada pode comer porque de tão grandes que são, só a eternidade é a sua medida, o seu continente.»

Ficamos por aqui. Sem comentários para não desvirtuar. E esmagados pela revolução espiritual que o 2.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato» provoca — sobretudo no silêncio do espírito — por esse mundo fora; na alma de tanta gente!

Nós continuamos de mangas arregaçadas. Pronto a atender pedidos dos apaixonados, que nos chegam diariamente.

O leitor não perca tempo! Não guarde para amanhã. Pegue já hoje na caneta. E ocupen-se todos; desde os responsáveis pelo ficheiro de assinantes (cujo número cresce, graças a Deus), até à expedição do livro — pelas mãos do Raimundo.

JULIO MENDES

Colabore

na Campanha de

Assinaturas



É preciso ter o sentido dos outros para se descobrir aos poucos o que temos a fazer. Para além do capital que se possa dar, exige-se uma atitude pessoal, que algumas vezes pode trazer à mistura muito do nosso eu.

É bastante difícil libertarmos-nos de alguns sentimentos que servem somente para diminuir a recompensa do Pai do Céu. E assim, quando pensamos em crianças abandonadas, ou sem os recursos indispensáveis para viver, e que precisam do nosso carinho e da nossa ajuda, é natural que também logo nos lembremos que amanhã essas mesmas crian-

Lar Operário em Lamego

ças nos possam ser úteis. São de apreciar todas as obras de protecção à juventude, porém, no aspecto humano, todos os que se dedicam a este apotolado têm uma certa compensação. A medida que o tempo vai correndo reconhece-se que valeu a pena o nosso esforço e o nosso sacrifício, pois vemos que este e aquele que nos passaram pelas mãos, triunfaram na vida e são homens úteis à sociedade. Os que hoje são crianças e merecem o nosso cuidado, são também esperança de amanhã dispensaram as nossas atenções.

Há, todavia, um género de pessoas, em que temos de pensar e que nos oferecem um quadro completamente diferente. São os velhos. Estes, ao contrário dos jovens, não dão esperanças de melhores dias, mas sim a certeza de cada vez se tornarem mais necessitados do nosso carinho. Por isso eu

admirei sempre as Casas que recebem as pessoas idosas. Ali não sei onde se possa encontrar compensações humanas. Ali sempre veremos os irmãos pregados à cruz do sofrimento ou às complicações variadas que o peso dos anos traz consigo. Ali não diminui o trabalho, nem as preocupações de quem serve, mas ao contrário dia a dia se exige mais quantidade de paciência e amor. Ali não pode haver a ilusão de que amanhã os «feitos» serão melhores, porque é sempre difícil compreender uma pessoa de idade. Ali, os que servem, por mais que se esforcem, raramente conseguem agradar, pois este e aquele e todos, perdem as forças, o apetite, o sono, a memória e mesmo quando não têm nenhum mal, estão sempre incomodados. Sinto por isso veneração por todos os que se entregam ao serviço dos mais velhos. E há necessidade de

multiplicar os lares, ou casas, ou residências para eles, visto as estatísticas afirmarem que é cada vez maior o número dos que chegam à terceira idade.

Nesta hora tenho presentes todos os velhinhos, mas particularmente aqueles que são mais pobres de família, do que de bens materiais. Penso naqueles que tiveram uma vida mais ou menos independente e que pelo seu trabalho quotidiano conseguiram passar «sem vergonha do mundo». A custa de equilíbrio e de bastante economia juntaram mesmo umas dezenas de escudos. Agora, sem força para trabalhar, ou não-de empregar esse mais que reduzido pé de meia na alimentação e renda de casa e doenças que surgem, ou não-de pagar a um mercenário que os trate, quando têm a sorte de encontrar alguém para este trabalho. Parece-me que a solução estará em surgirem casas adequadas a tais categorias de pessoas e bem era que Lamego se movimentasse também neste sentido. Sim, ou não?

P.e Duarte

Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA página

renovamos pela terceira vez o apelo feito para a instalação da cabine eléctrica, que há-de impulsionar as novas oficinas e fornecer energia a toda a Aldeia. São só 103 contos! Lembramos como Isaías, que o melhor jejum é «repartir o pão com os famintos, dissolver os laços da iniquidade, quebrar as cadeias da opressão». Em tudo o que o Profeta fala estamos empenhados e, por isso, importa passar das palavras bonitas ou dos piedosos sentimentos à acção. É dum actualidade premente a lei da renúncia e sem ela, podemos ter a certeza, a salvação será uma quimera, algo de inatingível. Continuamos, pois, a acreditar.

Padre Luís

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

confirma a investigação científica actual. Mas pode e deve ser normalizada, corrigida até, e por vezes, mesmo recriada. Deus, Supremo Criador e Senhor, deu ao homem essa capacidade. Mas não poderá ele julgar-se o criador, muito menos o senhor. O absurdo será considerar-se supremo.

Padre José Maria

PATRIMONIO DOS POBRES

«Venho agradecer a ajuda a que chamam pequena mas que para nós é muito grande.

A casa já está pronta e ficou realmente muito boa e com as condições necessárias para atender às necessidades da família que temos e que é bastante numerosa, pois, como já lhe tinha dito, temos sete filhos: quatro rapazes e três raparigas e esperamos mais um filho. Mas agora já nem nos aflige o termos mais um filho, pois já temos uma casa em condições de o recebermos e os mais que o Senhor achar bem dar-nos.

Que Deus recompense a V. ajuda que nos deu.»

O que se não faria com simplicidade! Nós, envolvidos já pelas leis dos grandes números, não percebemos, muito menos sabemos explicar, o «milagre» de produtividade da nossa pequenina ajuda uma

vez transposta para as mãos destes heróis! Sabemos, sim, que se os homens importantes fossem sábios, viriam aprender dos humildes o seu segredo, antes de irem aos «seminários» disto e daquilo e daqueloutro, a conferências sobre «management», sessões de «marketing»... E, não podendo afirmar absolutamente (a História não se faz de hipóteses!) que aquele célebre tostão do Totobola (aqui proposto pela Voz do Povo há uma dezena de anos e estorvado por uns tantos tímidos Senhores) teria resolvido totalmente o problema da habitação das nossas esquecidas gentes rurais — poderemos supor que teria, sim, desanimado muitos emigrantes que deixaram desertas as suas terras e as vão povoando de casinhas novas e airosas, feitas com mais avontade de dinheiro, mas nem por isso menos azedas de suor.

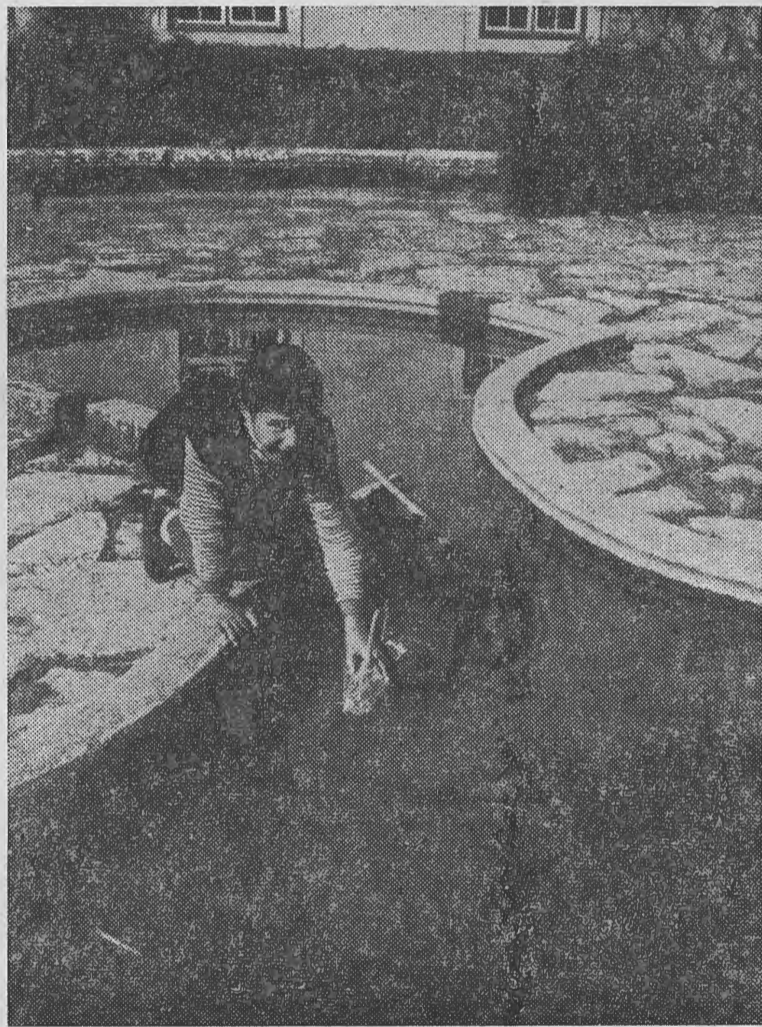
Sei de um Pai de mais de uma dúzia de filhos, que não tendo mais nada senão uns campitos que seus pais lhe deixaram e aos irmãos, lhes resgatou a sua parte e anda há anos a pôr a velha casa capaz de receber os filhos... Para tanto, lá vai vários meses por ano até França, jun-

tar uns contos, com que vem depois amortizar a sua dívida, prosseguir a sua obra, sem abandonar definitivamente a Família e o seu torrão.

Problemas que o dinheiro não sabe resolver. Que os poderosos e influentes nunca resolverão. Mas que resolvem estes homens, cheios de fé e da força que lhes dá a sua altíssima responsabilidade de Pais, plenamente assumida, e que resolvem se os não entorpecerem com dificuldades e burocracias, antes lhes derem a experimentar que a fraternidade não é palavra vã nem realidade morta!

Aí está o cântico desta carta a testemunhar. Um jornalista rural de Castro Daire, com a riqueza de 8 filhos e a disponibilidade para «recebermos os mais que o Senhor achar bem dar-nos». Um jornalista humilde, forjado por muitos anos de canseira (já em 1968 nos escrevera, ao começar a casa!) a ensinar eficiência aos auto-suficientes da sua ciência e das suas técnicas.

Feliz Pátria que tem tal cidadão! Felizes cidadãos da fibra deste se encontrassem na sua Pátria mais simplicidade! E outra vez feliz Pátria, que os não perderia!



Aqui, Tojal. Bem se vê que estamos num País de marinheiros...

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

tretanto peço ao senhor padre se me pode informar se eu tenho possibilidades de tirar o 5.º ano».

Vamos lançar mãos à obra. É mais uma sobrecarga à grande carga da nossa vida. O Carlos Manuel compartilha. Vai ser ele o mais carregado.

Queremos que esta nossa alegria pela nobre e justa aspi-

ração destes nossos filhos chegue aos olhos, aos ouvidos, ao coração e à alma do responsável pela criação dos cursos de Telescola. Que nos facilitem. Que nos orientem. Que nos ajudem a preparar bem estes homens de amanhã. Não temos nada de material didáctico, mas temos material humano ansioso de se valorizar; é o que mais importa.

Padre Horácio

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

